

## **HÁ UM VILAREJO ALI: OFICINAS DE MÚSICA NO MUSEU DA VILA**

### **THERE IS A VILLAGE THERE: MUSIC WORKSHOPS AT THE VILA MUSEUM**

### **HAY UN PUEBLO ALLÍ: TALLERES DE MÚSICA EN EL MUSEO DE VILAAS**

Áurea da Paz Pinheiro<sup>1</sup>  
Sandro David Bezerra do Nascimento<sup>2</sup>  
Elenilce Soares Mourão<sup>3</sup>

#### **RESUMO**

Neste artigo, apresentamos projeto de pesquisa-ação “Oficina de Música do Museu da Vila,” com estudos e intervenções iniciais em julho de 2018. Realizamos pesquisa bibliográfica, estudos de boas práticas de oficinas de músicas em escolas e centros culturais, trabalho de campo e oficinas de percussão no Museu da Vila. No projeto-ação de Mestrado, o nosso desafio é construir instrumentos musicais com materiais recicláveis com crianças de 7 a 12 anos, do 1º ao 5º ano, do ensino fundamental, matriculados na Unidade Escolar Carmosina Martins da Rocha, localizada na vila-bairro Coqueiro da Praia, Luís Correia, um dos dez municípios que integram a Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, criada por decreto presidencial em 1996.

**Palavras-chave:** Museologia; Inovação Social; Educação Musical; Projeto-ação.

#### **ABSTRACT**

In this article, we present the action research project “Museum of Music of Vila Museum,” with initial studies and interventions in July 2018. We conducted bibliographic research, good practice studies of music workshops in schools and cultural centers, fieldwork. and percussion workshops at the Vila Museum. In the Master action project, our challenge is to build musical instruments with recyclable materials with children from 7 to 12 years old, from 1st to 5th grade, enrolled in the Carmosina Martins da Rocha School Unit, located in the Coqueiro

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutorado em Ciências da Arte e do Patrimônio pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí. [mapm@ufpi.edu.br](mailto:mapm@ufpi.edu.br)

<sup>2</sup> Graduado em Educação Artística pela UFPI – Universidade Federal do Piauí, Especialista em Comunicação Visual pela faculdade Signorelli. Mestrando no Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal e Professor EBTT do Instituto Federal do Maranhão. [sandrodavidrum@gmail.com](mailto:sandrodavidrum@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Artes, Patrimônio e Museologia pela UFPI; Professora Arte/Educadora do Instituto Federal do Piauí. [ellenmourao14@hotmail.com](mailto:ellenmourao14@hotmail.com)

village da Praia, Luís Correia, one of the ten municipalities that make up the Delta do Parnaíba Environmental Protection Area, created by presidential decree in 1996.

**Keywords:** Museology; Social Innovation; Music Education; Action project.

### RESUMEN

En este artículo, presentamos el proyecto de investigación de acción "Museo de Música del Museo de Vila", con estudios e intervenciones iniciales en julio de 2018. Realizamos investigación bibliográfica, estudios de buenas prácticas de talleres de música en escuelas y centros culturales, trabajo de campo. y talleres de percusión en el Museo de Vila. En el proyecto de acción Master, nuestro desafío es construir instrumentos musicales con materiales reciclables con niños de 7 a 12 años, de 1 ° a 5 ° grado, inscritos en la Unidad Escolar Carmosina Martins da Rocha, ubicada en el pueblo de Coqueiro da Praia, Luís Correia, uno de los diez municipios que conforman el Área de Protección del Medio Ambiente Delta do Parnaíba, creado por decreto presidencial en 1996.

**Palabras clave:** Museología; Innovación Social; Educación Musical; Proyecto de acción.

### PRIMEIRAS NOTAS

“[...] Se pudésemos reverter a relação figura-fundo, a hora semanal enclausurada a que chamamos aula de música seria substituída por uma aula muito maior – a verdadeira sinfonia cósmica da qual tentamos nos distanciar.

[...] A música é, sobretudo, nada mais que uma coleção dos mais excitantes sons concebidos e produzidos pelas sucessivas operações de pessoas que têm bons ouvidos”. (SCHAFER, 2011, p. 175)

O presente artigo tem o objetivo de apresentar o projeto de pesquisa-ação OFICINA DE MÚSICA DO MUSEU DA VILA, em andamento desde o segundo semestre de 2018. O nosso desafio é construir de forma participativa e colaborativa instrumentos musicais com materiais recicláveis com crianças de 7 a 12 anos, que residem na vila-bairro Coqueiro da Praia, município de Luís Correia, estudantes da Unidade Escolar Carmosina Martins da Rocha, turno vespertino, ensino fundamental do 2º ao 6º ano.

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 1990).

Este projeto tem natureza ação e está vinculado ao Projeto Matriz do Programa de Pós-Graduação “Ecomuseu Delta do Parnaíba”, cuja proposta é construir uma rede de museus de comunidade no litoral do Piauí, que integra a Área de Proteção Ambiental APA Delta do Parnaíba; território que a coordenação do Mestrado e Projeto elegeu para estudos e intervenções no campo das artes, patrimônio, museologia e inovação social.

A Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba foi criada em agosto de 1996, possui uma área de extensão de 307.590,51 hectares e abrange três estados do Nordeste, Piauí, Maranhão e Ceará, percorrendo todo litoral Piauiense. A APA abrange 10 municípios: Tutóia, Paulino Neves, Araisos e Água Doce no Maranhão, Ilha Grande, Parnaíba, Luís Correia e Cajueiro da Praia no Piauí, Chaval, Barroquinha no Ceará (ICMBIO, 2019).

Portanto, a APA é uma Unidade de Conservação, espaço territorial com recursos ambientais e culturais, instituído pelo poder público com objetivos de conservação (SNUC, 2000).

As UCs têm a função de salvaguardar a representatividade de porções significativas e ecologicamente viáveis das diferentes populações, *habitats* e ecossistemas do território nacional e das águas jurisdicionais, preservando o patrimônio biológico existente. Além disso, garantem às populações tradicionais o uso sustentável dos recursos naturais de forma racional e ainda propiciam às comunidades do entorno o desenvolvimento de atividades econômicas sustentáveis (OECD, 2019)<sup>4</sup>.

A Constituição Federal do Brasil de 1988, garante aos cidadãos o “[...] direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (CF, 1988, art. 225.).

As Unidades de Uso Sustentável, por sua vez, têm como objetivo compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável dos recursos, conciliando a presença humana nas áreas protegidas. Nesse grupo, atividades que envolvem coleta e uso dos recursos naturais são permitidas, desde que praticadas de uma forma a manter constantes os recursos ambientais renováveis e processos ecológicos (OECD, 2019).

Ao longo dos estudos e intervenções com as crianças, realizaremos a construção participativa de instrumentos musicais, que nos permitirá sensibilizá-los, bem como as suas famílias para a pesquisa de elementos e materiais sonoros presentes na vila-bairro, um território habitado por populações remanescentes de populações indígenas, pescadores artesanais, um território de desova de tartarugas marinhas em risco de extinção, além de peixe-boi, cavalo marinho, mangues, um lugar que abriga sons, formas, cores, ritmos.

---

<sup>4</sup> <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/27099-o-que-sao-unidades-de-conservacao/>

Um trabalho desta natureza é um exercício de cidadania, de educação e percepção musical, de conhecimento e reconhecimento do rico e complexo patrimônio cultural da Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba onde está situada a vila-bairro.

Apresentação de instrumentos musicais confeccionados com materiais alternativos; pesquisa de materiais sonoros; som, forma e cor; ritmos afro-brasileiros; exercícios de coordenação motora e lateralidade; percepção musical; técnica de construção dos instrumentos musicais; execução dos instrumentos musicais; prática em grupo (OFICINA DE MÚSICA DE CURITIBA, 2019).

Para participar das oficinas, as crianças com a colaboração das famílias deverão ter consigo os seguintes materiais reciclados: tubos de PVC de 40 mm (esgoto), cano de PVC  $\frac{3}{4}$  (água), latas de leite em pó, cabo de vassoura, tampinhas de garrafa, tubos de plástico, tubos de papelão, cabos de aço de acelerador de carro, bambu, potes de plástico, garrafas de plástico (xampu, iogurte etc.), pedaços de compensado de madeira de 10mm, tambores de plástico, latas (grandes e pequenas) etc. Todo o material deve estar lavado, limpo e enxuto (OFICINA DE MÚSICA DE CURITIBA, 2019).

A Lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008, alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Segundo o “Art. 26 parágrafo 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o parágrafo 2º deste artigo”. Assim, é reconhecido por lei federal a importância da música no contexto educacional, um instrumento relevante no ensino-aprendizagem na educação formal e não-formal, a educação ao longo da vida, no caso desta proposta de trabalho a ser desenvolvido na construção de uma relação escola-museu, escola local e museu da vila.

Pretendemos colaborar no processo de formação, ensino-aprendizagem das crianças da comunidade da vila-bairro com nossos conhecimentos enquanto músico e educador musical; usar a música e a construção de instrumentos musicais com materiais recicláveis, a educação musical, para a sensibilização, criatividade, construção de afetos para preservação dos patrimônios cultural e natural do território habitado pelas crianças e suas famílias.

A considerar a singularidade de estudos e intervenções que caracterizam este projeto-ação, a música para além de um momento de ludicidade, de descontração será usada como um instrumento de sociabilidade, de percepção e preservação do patrimônio cultural e da natureza.

A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937,

substituindo a nomeação Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial. A Constituição estabelece ainda a parceria entre o poder público e as comunidades para a promoção e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro, no entanto mantém a gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens sob responsabilidade da administração pública.

Enquanto o Decreto de 1937 estabelece como patrimônio 'o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico', o Artigo 216 da Constituição conceitua patrimônio cultural como sendo os bens 'de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira'.

Nessa redefinição promovida pela Constituição, estão as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (IPHAN, 2019).

## **VENDENDO O PEIXE**

A partir dessas informações, justificamos este projeto-ação, que elege como um de nossos estudos e intervenções a realização de oficinas de construção de instrumentos musicais com materiais recicláveis encontrados na vila-bairro, permitindo que reflitamos sobre as possibilidades sonoras e criativas associadas ao patrimônio cultural e intervindo em um problema grave que afeta a vida cotidiana das pessoas, um turismo sem infraestrutura, agravado pela ausência de coleta seletiva de lixo.

Coleta seletiva é a coleta diferenciada de resíduos que foram previamente separados segundo a sua constituição ou composição. Ou seja, resíduos com características similares são selecionados pelo gerador (que pode ser o cidadão, uma empresa ou outra instituição) e disponibilizados para a coleta separadamente.

De acordo com a Política Nacional de Resíduos Sólidos, a implantação da coleta seletiva é obrigação dos municípios e metas referentes à coleta seletiva fazem parte do conteúdo mínimo que deve constar nos planos de gestão integrada de resíduos sólidos dos municípios (MMA, 2019)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> <<http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/residuos-solidos/catadores-de-materiais-reciclaveis/reciclagem-e-reaproveitamento>>. Acesso em: 20 jun. 2019

Este projeto-ação estuda e intervém no campo da educação musical e da preservação do patrimônio cultural e meio ambiente. O espaço eleito para este trabalho é a vila-bairro Coqueiro da Praia, nomeadamente, o Museu da Vila e a Escola Carmosina Martins da Rocha. No lugar vive uma comunidade de pessoas simples e de poucas posses, o que justifica também a opção por oficinas de construção de instrumentos alternativos, de baixo custo, acesso fácil a materiais, que nos permite trabalhar com educação patrimonial e ambiental, despertando uma consciência ecológica e patrimonial.

O educador musical por sua vez, deve estar aberto às novas possibilidades sonoras, novas atitudes de experimentação sonora, ao ato de observar e construir não somente o processo dos alunos como o seu próprio. Cabe a este também, criar esta nova janela para permitir novas perspectivas e estratégias para o aprendizado.

Concebendo instrumentos musicais como ferramentas para o som e a música, percebemos que mais do que uma definição específica, a conceituação dos ambientes e as formas como são utilizados é que nos proporcionam a oportunidade de utilização dos mesmos (VIEIRA; SILVA, 2015, p. 33).

Podemos ainda buscar influência de Vieira (2010, p.23-24), para nossas reflexões:

Observamos três ambientes instrumentais já existentes na educação musical:

O tradicional: onde os instrumentos convencionais são utilizados, possuem técnicas específicas para serem tocados, técnicas estas orientadas por um professor ou um músico para serem adequadas musicalmente.

O experimental: os instrumentos podem ser convencionais, tocados de formas diferenciadas e inusitadas; ou objetos outros também podem ser tocados. Geralmente objetivam a exploração de timbres diferenciados musicalmente. Esta exploração pode ser orientada por um músico, mas também foi muito utilizada por educadores musicais e musicoterapeutas com o advento das oficinas, a partir de 1985 [...].

O virtual: com os avanços tecnológicos, digitais na área musical os próprios aparatos tecnológicos começam a ser explorados como potenciais e inovadoras fontes sonoras até chegarmos ao ponto atual de termos a disponibilidade de um estúdio dentro de um computador portátil e podermos ouvir, tocar música e produzir sons sem o instrumento em sua forma e material físicos.

A minha experiência como professor de música e músico, atuando em várias esferas e gêneros musicais atraiu, particularmente, atenção para um olhar etnomusicológico (LÜHNING; TUGNY, 2016), imerso no lugar, na forma como as pessoas se relacionam com a música, o que permitirá criar um percurso de investigação que articula o rico patrimônio cultural e natural do território com a provocação de diálogos através da música.

Caminhadas pela vila-bairro, conversas informais com as pessoas que residem no lugar, nos informam sobre a presença musical no cotidiano das pessoas: o rádio à pilha no campo de futebol, nos momentos de lazer ou no trabalho dos pescadores, anteriormente, a

existência de uma rádio comunitária, hoje as músicas das telenovelas e as atividades lúdicas, que suscitam o prazer de ouvir gêneros musicais diversos. Há aspectos negativos apontados pelos moradores, como a poluição sonora em época de férias, quando os turistas invadem a pequena comunidade. Na vila-bairro, há atividades relacionadas à prestação de serviço, de contratação de músicos, portanto, potencial para colaboradores e mediadores em um projeto desta natureza.

### **COM QUE ROUPA EU VOU**

Realizaremos uma imersão no território, indispensável para escolha de conceitos, métodos e técnicas, que usaremos ao longo do trabalho com a crianças. Verificaremos as possibilidades de diálogos, as brechas, as fissuras para descobertas e disparos de atividades culturais em torno das práticas de proteção ao patrimônio.

Como princípio técnico-metodológico para as oficinas, a educação não formal pode ser a escolha mais óbvia para atividades educativas em centros culturais, como os museus, pois, segundo Gohn (2005), a educação não formal, até os anos 1980, foi tida como um campo de menor importância tanto entre os educadores quanto para as políticas públicas. Foi a partir dos anos 1990 que passou a ter destaque em decorrência das mudanças na economia, na sociedade e no mundo do trabalho.

A flexibilidade quanto ao tempo e conteúdo, agrupamento por faixa etária Afonso (1989) representa uma facilidade e novas possibilidades educativas em relação a educação formal, pois inclui todas as experiências de vida. Para Gohn (2005), a educação não-formal designa um processo com quatro campos ou dimensões: envolve a aprendizagem política dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação para o trabalho, a aprendizagem e o exercício de práticas que capacitem os envolvidos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados à solução de problemas coletivos cotidianos; aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal em espaços e tempos diferenciados.

No valeremos igualmente da educação patrimonial, uma forma de trabalho inserida nas atividades das oficinas. Segundo Horta (1999, p. 6):

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a

um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural [...].

## **PARA COMEÇAR, QUEM VAI COLAR**

Em julho de 2018, no Museu da Vila, realizamos oficinas de educação musical com públicos de faixas etárias que variaram de 6 a 40 anos, pessoas que já frequentavam o espaço do museu, participavam de atividades de sensibilização para o patrimônio cultural promovidas por outros mestrandos do Programa, que desenvolvem seus projetos, que contribuem para a transformação e inclusão cultural, engajamento em atividades que se comunicam e se retroalimentam gerando uma rede de conhecimentos e práticas de conhecimento, apropriação e valorização do patrimônio.

As oficinas de percussão que realizamos entre os dias 24 e 27 de julho de 2018 no Museu da Vila, estão inclusas como projeto no programa cultural e educativo do Plano Museológico, em construção, do Museu da Vila. Atividades abertas aos públicos majoritariamente formado por residentes da vila-bairro, que envolvem a comunidade acadêmica e a população local. As atividades iniciaram nas férias escolares, mas a equipe do educativo do museu pretende que sejam realizadas no contraturno da Escola e Creche da vila-bairro, de forma a aproximar a escola do museu, o museu da escola; movimentar as atividades culturais e educativas do Museu da Vila, produzindo conhecimentos colaborativos com os residentes, firmando ponto de partida, possibilidades de pesquisas para os mestrandos, a considerar as demandas da comunidade.

Segundo Varine (2013), o patrimônio pode ser considerado o “capital real” do lugar, pois é herança da comunidade. Nesse sentido, a gestão do patrimônio cultural deve ser partilhada com seus herdeiros e com a gestão pública nos níveis municipal, estadual, federal, para que as decisões sejam tomadas com base em planos estratégicos, construídos com as comunidades locais. A participação do público tem ação direta com o sentimento de pertencimento do lugar.

No caso do Mestrado Profissional, os resultados de pesquisas retornam à comunidade através de produtos e serviços que auxiliam na construção, partilha; a pessoas do território eleito para estudos e intervenções, pessoas que participam diretamente dos projetos, o que nos permite mesmo antes do término do trabalho, compartilhar e devolver em processo os

resultados à comunidade, materializados em conhecimentos ou soluções de problemas recorrentes.

Os públicos são pessoas da vila-bairro com as quais estabelecemos relações de partilha, em um lugar onde o patrimônio cultural necessita ser conhecido com o intuito de buscarmos juntos soluções sustentáveis para as relações que as pessoas estabelecem com o meio ambiente. As ações dinâmicas e criativas objetivam a sensibilização para o conhecimento e reconhecimento do valor do patrimônio cultural.

As primeiras incursões na vila-bairro tiveram o propósito de estimular uma prática artística musical que desperte os sentidos para descobertas e diálogos reforçando a sensação de pertencimento e valorização do território, além de ocupar os espaços do Museu da Vila com práticas que desenvolvam o espírito de participação nas atividades lúdicas, de educação patrimonial.

Perceber que a canção popular pode despertar o sentimento de pertencimento a lugares e grupos, o que é inerente ao ser humano, mas que precisa ser lembrado, por isso temos necessidades semelhantes e por isso vivemos juntos em sociedade, comunidades, famílias, tribos, enfim. Tudo isso com a finalidade de continuar 'aprendendo e ensinando uma nova lição', conforme ensinou outro grande poeta paraibano, Geraldo Vandré. Isto é cultura (IPHAN, 2013, p. 29).

As dimensões da diversidade cultural só podem ser compreendidas se os estudantes entenderem que não existe cultura superior, percebendo isso, perceberão que nosso país é pluricultural em função das dimensões continentais que possui (PELEGRINI,2009). A música tem sido, “por ter características de uma linguagem universal e por atrair a atenção de todas as faixas etárias, o grande espaço de desenvolvimento de programas e projetos da educação não formal” (GOHN, 2015. p. 17). Esse tipo de fato é facilmente constatado ao se observar a quantidade de projetos presentes em escolas públicas em projetos educativos, mas diferente de algumas propostas de famosos grupos percussivos, não há uma pretensão de adestramento técnico dos deste projeto, mas uma formação humana e um trabalho de sensibilização patrimonial, pois ainda segundo a autora: “O conteúdo apreendido nunca é exatamente o mesmo do transmitido por algum ser ou meio/instrumento tecnológico porque os indivíduos reelaboram o que recebem segundo sua cultura” (GOHN ,2015. p.18).

As oficinas que realizamos e realizaremos estão inseridas no conceito de tecnologia sociais da memória, no campo da museologia e inovação social, na ecomuseologia integral e integradora, com objetivos centrados na melhoria de qualidade de vida das pessoas e consequentemente do lugar. As atividades culturais e educativas que ocorrem desde a

inauguração do Museu da Vila em junho de 2018 têm por princípio um trabalho de sensibilização para conhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural.

As atividades possuem um conceito emancipatório, práticas da educação informal e participação social com uso de método horizontal de relacionamento entre pesquisadores e colaboradores (pessoas da vila-bairro). A mediação tem o objetivo de produzir um ensino ativo dos educandos, estabelecendo a comunidade como sujeito do seu conhecimento. Como Paulo Freire nos ensina: “Educador e educandos (liderança e massas), cointencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos do ato, não só de desvela-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento” (FREIRE, 1968, p.78).

O nosso projeto-ação possui um forte compromisso com o engajamento social e geração de conhecimento através da arte, especialmente da linguagem musical.

A música está presente na comunidade de forma híbrida, seguindo as tradições do mundo latino-americano Canclini (2008). Notamos em alguns exemplos encontrados na vila-bairro, a presença lúdica da música das novelas, a memória na escolha do repertório, o sertanejo e o forró; alguns clássicos da música popular brasileira, rock e outros da atualidade. Assim como alguns músicos que moram no lugar já tocam profissionalmente. O engajamento social através da música pode representar novas possibilidades profissionais para essa comunidade de músicos.

## **ANDAR COM FÉ, EU VOU**

A opção pelo estudo focado no ritmo está relacionada aos estudos que desenvolvem a coordenação e a linguagem universal para a compreensão da unidade musical. Jeandot (1993, p. 12) nos informa:

Para Wagner, a música é ‘a linguagem do coração humano’. Esse conceito nos leva a ideia de ritmo, que é o elemento básico das manifestações da vida e também um princípio fundamental na música. Alguns povos podem até desconhecer a melodia e a harmonia, mas nenhum desconhece o ritmo.

A música popular e contemporânea oferece uma variedade de sons e de instrumentos musicais. O estudo da percussão representa uma oportunidade de contato das crianças com as possibilidades sonoras de cada instrumento, assim, segundo Paiva (2005), abre-se a possibilidade de ‘transitar em diferentes universos’, podendo estudar bateria, percussão popular e percussão erudita, sem nenhum tipo de barreira ou restrição.

Com esse objetivo, a metodologia de trabalho que propusemos em julho e continuaremos a desenvolver nas Oficinas do Museu da Vila, centramos em sons corporais, instrumentos de percussão feitos de sucata, possibilidades de ensino e aprendizagem musical.

Nas oficinas de julho de 2018, acolhemos diversos públicos com o objetivo de permitir ampliar a participação. Públicos de várias gerações, faixa etária, homens e mulheres que demonstraram interesse em participar das atividades. A maior parte desse público foi formada por crianças e jovens entre 7 a 18 anos, e em menor número adultos e idosos. Essas pessoas têm diferentes gostos musicais, múltiplas experiências e histórias de vida, o que nos permitiu ampliar o campo de possibilidades de repertórios musicais nas oficinas.

Dividimos os grupos por faixa e por turno. À tarde trabalhamos com as crianças e à noite com jovens, considerar as lógicas das rotinas cotidianas na vila-bairro, possibilidades de deslocamento e acompanhamento, compromissos com o trabalho e família.

No plano de trabalho das oficinas objetivamos a participação da comunidade, de forma a permitir a inclusão cultural, despertar a curiosidade e participação. Usamos metodologias participativas na produção de conhecimentos. Como ponto de partida, a explicação de elementos básicos da sintaxe sonora (JEANDOT, 2002), como as propriedades sonoras e musicais e o exercício de audição para sons de várias naturezas, dentre eles os sons da paisagem cultural do lugar.

A ação educativa foi construída ao longo das aulas, em princípio com foco na coordenação motora como caminho técnico para a expressão musical. Os primeiros exercícios despertaram a percepção corporal, o som de palmas, pisadas, caminhar e produzidos pela própria voz. Os primeiros exercícios foram direcionados para uma escuta ativa, pois a principal qualidade de um músico é a sua percepção sonora, então as primeiras atividades estavam ligadas a audição e ao reconhecimento de propriedades sonoras, como a percepção dos sons naturais (o ruído do vento lá fora, o som das ondas mar próximo ao Museu da Vila, o som na vegetação, o trânsito dos poucos veículos e vozes distantes dos residentes. Foi o primeiro exercício de audição ativa, que revelou um patrimônio cultural rico em sonoridades e vida. Sobre a escuta ativa, recorreremos a Bertolini e concordamos que:

Temos que aprender a escutar. Pareceria que se trata de um hábito esquecido. Devemos sensibilizar o ouvido ao milagroso mundo sonoro que nos rodeia. Quando tivermos desenvolvido alguma agudeza crítica poderemos idealizar projetos de maior envergadura com implicações sociais de modo que outras pessoas possam ser influenciadas por nossas próprias experiências. O objetivo primordial consistiria em

começar a tomar decisões conscientes sobre o próprio desenho do nosso universo sonoro (SCHAFER, 1992 apud BERTOLINI, 2011, p. 12).

O exercício da escuta representa o ponto de partida fundamental para a compreensão significativa musical. O segundo passo, exercícios focados na coordenação motora, trabalhada concomitante com o estudo do ritmo a partir do conceito de pulsação. A escrita musical simplificada foi usada para explicar as divisões e durações das notas musicais eram cantadas com a sílaba TA.

Uma combinação de linhas teórico-metodológicas deverá permear este projeto-ação (VIEIRA; SILVA, 2015), fios condutores que nos guiarão no caminho de ensinar e aprender, que se desenvolve dentro de um processo linear e contínuo, possibilitando o acompanhamento e a percepção dos envolvidos no projeto que estamos a construir de forma colaborativa. A avaliação dos objetivos alcançados deverá ocorrer de forma coletiva, a situação de aprendizagem deverá ser administrada em curto período de tempo, de forma mais técnica, enfocando a aplicabilidade dos conhecimentos para a ação diretamente prático-musical.

Seguindo um plano inicial de trabalho, prosseguiremos com o ensino de propriedades do som e da música como elementos mínimos para a compreensão do fenômeno sonoro e como alfabetização básica para a atividade plástica da produção sonora, correspondendo aos parâmetros básicos de entendimento da teoria com o auxílio da prática. Para que haja compreensão mínima do estudo rítmico criaremos esquemas gráficos para representar a execução, adequando sinais para que sejam representadas as acentuações e variações timbrísticas.

As propriedades da música estiveram e estarão presentes de forma dialógica, concomitantes à audição de músicas de diversos estilos, com perguntas e análises pelos participantes; o foco inicial foi e continuará a ser o interesse e envolvimento dos participantes nas atividades propostas.

Noções de melodia e harmonia foram e continuarão a ser apresentadas como elementos básicos do estudo da música, mas a atenção central das propriedades musicais estará na escolha pelo estudo do ritmo. Para Jeandot (2002), essa noção rítmica instintiva, a que se mesclam elementos sensoriais e afetivos, constitui a base do nosso senso de equilíbrio e harmonia. Nosso corpo pulsa um ritmo vital, as batidas do coração, os sons da paisagem praiana, assim como a descoberta de ritmos na natureza, a própria descoberta do patrimônio cultural do lugar onde se vive.

Os instrumentos de percussão serão de materiais reciclados, primeiros recursos sonoros instrumentos externos ao corpo, como as garrafas pet, e, aos poucos, instrumentos formais, tradicionais da percussão como o *ganzá*, *cowbell*, *jam block*, e o *Cajon*, que foram e continuarão a ser poucos inseridos nos exercícios rítmicos, recursos profissionais que usaremos como ferramenta exploratória com o objetivo de identificar os sons percussivos que participantes têm mais afinidade, com a textura sonora e as possibilidades de manuseio.

Os exercícios estarão focados a princípio na coordenação motora e na descoberta de células básicas como semínimas e colcheias (JEANDOT, 2002). Para o desenvolvimento da pulsação em conjunto, propomos uma atividade com copos plásticos, passando de mão em mão em um círculo seguindo um ritmo de uma música.

Após os exercícios iniciais, no decorrer daqueles dois dias de oficinas, estabelecemos um diálogo sobre os tipos de instrumentos musicais e as preferências pessoais de cada participante, apresentamos um exercício participativo, um roteiro para apresentação musical (recital) significando assim a aprendizagem, mesmo em um curto espaço de tempo (que com este projeto ampliaremos), cada participante ficou à vontade para, dentro de suas possibilidades, escolher uma música para que pudesse aprender o seu ritmo. A proposta de apresentação de um recital estimulou os participantes a se dedicarem em suas apresentações; o recital só foi possível devido a colaboração dos demais mestrandos como músicos e cantores de apoio.

## **SOLTANDO O SOM**

As oficinas de julho finalizaram com um recital à noite, com a participação significativa dos moradores, no Museu da Vila. Foi o resultado de uma primeira intervenção. O som ecoou, as famílias abraçaram as oficinas, o que nos fez decidir por as transformar em “Oficinas do Museu da Vila”. A escolha do repertório das oficinas de julho revelou aproximações com à música, memórias e sentimentos de alegria, prazer, saudade.

Ao longo da pesquisa-ação, anotaremos os resultados e as decisões que marcarão os novos rumos das atividades, anotaremos em um diário de musical, com reflexões sobre as ações, partituras, observações dos integrantes. A pesquisa participante e a educação popular partiram do princípio de que assim como não existe vazio de poder, também não existe um vazio de saberes e cultura (STRECK; EGGERT; SOBOTTKA, 2006). A proposta de ação

possui relação direta com as novas práticas de pesquisa social e representa um caminho diferente das atividades de pesquisa inspiradas na tradição do positivismo, esta cisão está em consonância com a atual inclusão de novos atores sociais na produção de conhecimento. Atendendo às exigências do mundo científico encontramos em Thiollent (2011) uma preocupação em explicitar a pesquisa ação como atividade que atendesse às exigências científicas, considera essa pesquisa como uma experimentação através da qual as pessoas mudam situações de sua vida. Aliada a essa base empírica, tem-se o controle metodológico do processo de pesquisa e, finalmente, o consenso dos pesquisadores sobre o que está sendo observado e interpretado.

A pesquisa não se limitará a uma forma de ação (risco de ativismo), mas pretendemos aumentar o nível de conhecimento e “nível de consciência” de nossos colaboradores, crianças e suas famílias. O objetivo não é o mero ativismo político e social, mas o compartilhar de saberes através do diálogo em articulação com as concepções críticas e contemporâneas da museologia e inovação social.

## **NÃO APRENDI DIZER ADEUS**

As oficinas de julho de 2018 no Museu da Vila foram importantes para construirmos esta proposta de investigação e intervenção, para descoberta de possibilidades sonoras em ações, intervenções e propostas participativas para uma aprendizagem significativa no campo sonoro e musical. Na verdade, nos encorajou a iniciar o trabalho, oportunidade de sondar as aptidões da comunidade e as possibilidades de construirmos um projeto participativo, de diálogo, no qual as práticas educativas possibilitem sentimentos de identidade, de pertença, nos permita ouvir com atenção os sons da paisagem cultural do Delta do Parnaíba - ambiente, pessoas e patrimônio.

Os moradores da APA Delta do Parnaíba são detentores de patrimônios ancestrais, de uma natureza exuberante, mas reféns de uma exploração imobiliária que põem em risco o meio ambiente, as tradições e as memórias de uma região cuja origem estão tradicionalmente relacionadas a modos de ser e existir de seus ancestrais: índios, brancos e negros.

O território é marcado por um acentuado contraste social, pela especulação imobiliária, pela ausência de políticas públicas que promovam a justiça social e oportunidades para a melhoria de vida das pessoas. A museologia de inovação social não é uma fórmula

salvadora para dos dilemas sociais, mas um disparo para que os usuários dos museus se engajem em atividades emancipatórias, que sejam conscientes da necessidade de proteção dos patrimônios.

Aquelas oficinas foram bem sucedidas, como gatilho ou trampolim, para delimitar o campo de pesquisa e ação no território; nos permitiram ter a certeza das pessoas da vila-bairro Coqueiro de conhecerem a linguagens da música os estudos musicais, que a educação formal, a escola não contemplam, mas que o museu pode ser este espaço da educação não-formal, onde os desejos afloram e podem ser compartilhados; espaços nos quais as pessoas são protagonistas, atores sociais de papel fundamental na consolidação do desenvolvimento da aprendizagem e na geração de conhecimentos.

A incursão investigativa nos deu a conhecer um território rico nossas pesquisas, um cenário de riqueza patrimonial, com elementos de memórias; além disso, através do movimento social e da música descobrir e construirmos juntos sonoridades ribeirinhas, praias e deltaicas.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da Educação não-escolar: reatualizar um, objeto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, A. J.; STÖER, S. R. (orgs.) **A sociologia na escola – Professores, educação e desenvolvimento, biblioteca das ciências do homem**. Porto: Afrontamento, 1989.

ALVES, Maria Siqueira; REIS, Maria Amélia G. Sousa. Tecendo Relações entre as reflexões de Paulo Freire e a Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 6, n. 1, p. 113-134, 2013.

BERTOLINI, L. Qualidades do som: Escuta Ativa e a Exploração Musical. In: **Cadernos da Rede – Formação de Professores. Percursos de aprendizagens: A escuta ativa e a exploração musical - A Rede em rede: a formação continuada na Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2011, p. 11 – 13.**

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-Formal e Cultura Política**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005. 120p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019. 256p.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane

Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999. Disponível em [http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia\\_educacao\\_patrimonial.pdf.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf). Acesso em: 20 jun. 2019

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Superintendência do Iphan na Paraíba. **Educação patrimonial**: educação, memórias e identidades / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); Átila Bezerra Tolentino (Org.). – João Pessoa: Iphan, 2013. 108p.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. São Paulo: Editora Scipione, 1997. 174p

LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira. (Org) **Etnomusicologia no Brasil**. Salvador: Edefba, 2016. 323p.

PAIVA, Rodrigo Gudin. **Percussão**: Uma abordagem integradora nos processos de ensino e aprendizagem desses instrumentos. ANPPOM – Décimo Quinto Congresso/2005. Páginas 1188 a 1195

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Cultural**: Consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009. 135 p.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. 2ª edição atualizada. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2011.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan-abr 2012.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 136 páginas.

UNESCO. **Educar para um desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <<http://en.unesco.org/themes/education-sustainable-development>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, 1972. Disponível em: <https://en.unesco.org/themes/education-sustainable-development> desenvolvimento sustentável UNESCO Acesso em: 28 maio 2019.

VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro**: O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2013. 256p.

VIEIRA, Niágara da Cruz. SILVA, Paulo Roberto Teles da. Oficina de construção de instrumentos alternativos: um espaço para a criação de novas estratégias para sala de aula? **Interlúdio**, v. 3, n. 3, p. 32-36, 2015.

**Artigo recebido em** 14 de setembro de 2019

**Artigo aprovado em** 25 de fevereiro de 2020